



A CRIANÇA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA – O LUGAR DOS PAIS

SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO PERMANENTE

Aula de 28-04-2009

Antonia Claudete A. L. Prado

O atendimento de crianças impõe que os pais sejam ouvidos, especialmente a mãe, uma vez que é deles que parte a demanda de tratamento. A criança não vem sozinha, ela é trazida. Mesmo que os pais venham por recomendação do médico, da escola, ou de qualquer instituição, o fato deles aceitarem essa recomendação sugere que eles tornaram sua a demanda.

Questão preliminar ao atendimento da criança: de quem é a demanda?

O sintoma, esse é o dado fundamental da experiência analítica.¹

O sintoma da criança é sempre uma resposta a algo que ela apreendeu no campo do Outro. A criança e o sintoma respondem *àquilo que há de sintomático nesse lugar do Outro.*² Isso faz das entrevistas preliminares, com o filho e com os pais, o instrumento mais importante no atendimento da criança, razão pela qual é necessário que a elas seja dedicado um tempo suficientemente longo, tempo em que o analista estará atento para identificar se a queixa que se apresenta aponta para um **sintoma da criança ou na criança**. Considerando a criança como um significante isolado, ele nada significa – a significação está naquilo que se manifesta em seu ser, em seu corpo, naquilo que fala da sua relação com a mãe, do seu lugar no campo do Outro.

O sintoma da criança é uma resposta movida pela questão sobre o seu lugar ali. Em *Nota sobre a criança*, Lacan fala de dois casos possíveis:

Caso 1: o sintoma está ligado ao casal familiar, *é o caso mais complexo, mas também o mais acessível às nossas intervenções.*³

Caso 2: o sintoma está ligado à subjetividade da mãe. A articulação, aqui, se mostra bastante reduzida – a criança fica presa ao fantasma materno, como objeto: uma doença ou uma marca qualquer... A relação mãe-criança não é mediada pela função paterna.

CASO 1

Referência à estrutura familiar

A criança com o seu próprio sintoma - como sujeito

Há a mediação da função paterna

Prevalência da ordem simbólica

Ordenado pelo desejo

CASO 2

Referência à subjetividade da mãe

A criança como sintoma da mãe - como objeto

Há uma relação de exclusividade mãe-criança

Prevalência do imaginário

Comandado pelo gozo

¹ LACAN, J. *Nota sobre a criança*, In *Outros escritos*. Jorge Zahar, R. J. 2003. P. 309.

² LACADÉE, Ph. *Dois referências essenciais de Jacques Lacan sobre o sintoma da criança*, in *Sintoma e mal-estar da civilização. Opção Lacaniana* nº 17 (1996), p. 75.

³ LACAN, J. *Nota sobre a criança*, In *Outros escritos*. Jorge Zahar, R. J. 2003. p. 369.



A dificuldade da mãe em redirecionar o seu desejo para o seu homem, liberando a criança do lugar de objeto do seu desejo, revela uma questão sobre a sexualidade feminina. Retomando Freud,

*se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram.*⁴

Lacan, no Sem. XXIII, faz referência ao Nome-do-Pai, dizendo que *o Nome-do-Pai, podemos prescindir dele. Podemos prescindir com a condição de nos servirmos dele*⁵. Uma recomendação muito diferente daquela referente à mãe, inicialmente imprescindível para depois não mais dela se servir. Enquanto Freud aponta o Édipo como operador do Ponto de Basta, Lacan introduz o Nome-do-Pai que cumpre essa função de barrar o gozo do Outro inserindo o sujeito na ordem simbólica.

CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO – alienação e separação

Lacan definiu o tratamento analítico como um processo movido pelas operações de alienação e separação, fixando na separação a etapa que marca o final da análise.

Os conceitos ‘alienação e separação’ são entendidos por Lacan como operadores lógicos da constituição do sujeito. Na alienação o sujeito se articula ao Outro, se confundindo com ele, e na separação o sujeito se articula ao objeto. A alternância alienação-separação indica as repetições pulsionais da relação entre o sujeito e o Outro.

Alienação: S(A)

Separação: S(a)

É pelo Outro que o sujeito entra na linguagem. Freud usa os termos *Behajung* e *Austossung* para abordar a aceitação ou a recusa, pelo sujeito, ao convite do Outro para a entrada na linguagem. Lacan dá um tratamento novo a esses conceitos, colocando a aceitação (*bejahung*) como a porta de entrada do sujeito na dialética significante e a separação (*austossung*) como a desvinculação entre o sujeito e o Outro, decorrência necessária uma vez que o sujeito não poderá permanecer indefinidamente assujeitado a esse lugar de objeto.

A **inscrição do sujeito na dialética significante** ocorre logo em uma das primeiras manifestações de vida do bebê, no momento em que ele emite o grito primordial. Interpretado como apelo, a mãe dá o seio em resposta a essa ‘demanda do bebê’, fato que eleva o grito à categoria de linguagem. Essa resposta (S₂), reveladora do desejo materno, institui o grito como demanda (S₁), constituindo o par S₁ – S₂, fundador da cadeia significante que acolhe o sujeito. A importância desse mecanismo está na marca que o desejo do Outro (A não barrado) imprime na subjetividade da criança cujo desejo, a partir daí, fica subordinado ao desejo do Outro. Daí Lacan formula que *o desejo é o desejo do Outro*. A alienação provém, então, da identificação ao significante do Outro, **Significante Mestre (S1)** – marca lingüística de onde se origina o ser falante.

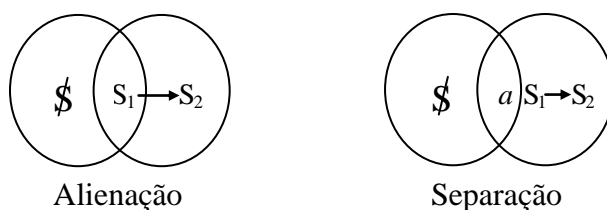
A angústia que se apresenta na neurose revela o mal-estar decorrente do aprisionamento à identificação primordial, imaginária, ao objeto de gozo do Outro: identificação primária ao Significante Mestre vindo do Outro – posição que, todavia, o sujeito insiste em manter como estratégia para cobrir o vazio deixado pela perda do objeto, objeto de desejo que a criança acreditou ser um dia para o Outro, citando Laurent: *aquilo que foi, como tal, no desejo do Outro, não apenas no nível simbólico do desejo, mas*

⁴ FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo*, in *Obras Completas*, Edição Standard Brasileira, Ed. Imago. RJ, 1974. P. 107.

⁵ LACAN, L. *Do inconsciente ao real*. In: *Le Seminaire livre XXIII, Le sinthome. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Éditions du Seuil*, Paris, 1999. P. 136.

como *substância real envolvida no gozo*⁶. Para não declinar dessa posição, o sujeito estará sempre engendrando esforços para não perder esse lugar evitando a separação. Mas a separação é um trabalho que deve ser feito, é a única via de acesso ao próprio desejo. É a separação que permite ao sujeito mudar dessa posição de objeto de gozo do Outro para ingressar no universo dos seres falantes. Entretanto, para que a separação aconteça é fundamental a entrada em ação de um terceiro elemento, um operador lógico que substitui o desejo da mãe pelo Nome-do-Pai: a **Metáfora Paterna**.

No Seminário 11 Lacan aborda a separação a partir do conceito de pulsão, em sua dimensão de gozo, objeto *a* articulado ao simbólico: significante-gozo. O gozo aqui estaria no lugar do vazio de significação, lugar da falta: um gozo perdido, impossível de ser coberto pelo significante. Na separação a parte faltante é a parte do Outro, um resto deixado pela operação significante – a esse resto de gozo Lacan chamará *substância gozante*, buraco vazio que comporta duas faltas: no sujeito e no Outro. Miller desenvolve dois esquemas para demonstrar as operações de alienação e separação:



Na alienação, o sujeito se confunde com o Outro enquanto que a separação os diferencia. Entretanto, a separação não se dá sem que ocorra uma perda: a queda do objeto *a*, objeto-de-gozo, objeto-sutura entre o sujeito e o Outro, fundando aí um lugar vazio ocupado agora pelo objeto-causa:

de objeto-de-gozo para objeto-causa-de-desejo

A queda do objeto *a* abre um espaço entre os significantes $S_1 - S_2$, dando origem à estrutura simbólica onde se instala o sujeito do inconsciente – o sujeito do desejo.

ESTRUTURA FAMILIAR NA CONTEMPORANEIDADE – papéis masculino e feminino

O masculino

A função paterna na contemporaneidade tem a sua eficácia enfraquecida como introdutora do ponto de basta ao gozo desenfreado, intervenção que ordena a estruturação psíquica pela entrada do simbólico, dimensão que origina o sentido e o desejo.

Em *Complexos familiares* (1938), Lacan já fala sobre o *declínio social da imago paterna*, resultante das transformações histórico-culturais que incidem sobre a vida familiar: sua estrutura e suas normas de funcionamento. O pai não responde mais pela posição de ‘chefe de família’ – os movimentos democráticos do *todos são iguais*, impõem a sua submissão a essa ordem igualitária. A metáfora paterna não é mais garantia como instrumento regulador do gozo pela introdução da significação fálica, da lei paterna, das normais e dos ideais. Em 1995, Miller acrescenta, como decorrente do declínio do pai, o declínio da virilidade, afirmando:

⁶ LAURENT, É. *Alienação e separação II*. In: *Para ler o Seminário 11 de Lacan*, Feldstein et al. Ed. Zahar, R.J. 1997. p. 44.



*A idéia do declínio viril, e mesmo de sua desapareição no mundo contemporâneo, tem todo o seu interesse. Sem dúvida, ela não é pensável sem o declínio do pai.*⁷

No Seminário XIII, O objeto da psicanálise (1966), Lacan diz fala sobre a *exploração social que toma lugar nesta hiância do sujeito (...) que a ciência mantém suturada a pulso contábil*⁸. A ciência coloca à disposição dos sujeitos objetos que prometem aplacar o vazio privilegiando o gozo em lugar do desejo.

No Seminário XIV, A lógica da fantasia (1967), Lacan ressalta que o sujeito, alienando-se aos objetos, é forcluído pela Ciência. A alienação aqui atende a uma nova ordem social cujo imperativo é o goze. Gozar de tudo, esta é a demanda do Outro social, do discurso Capitalista ao qual responde o sujeito atual.

O feminino

Na antiguidade (por volta do ano 6.000 a.C.),

a mulher era tida como *a paridora*, uma figura sem quaisquer atrativos, o que pode ser visto nas pinturas que eram dedicadas, nas quais seus rostos são marcados por traços sem beleza, geralmente miúdos e insignificantes, e as formas do corpo são acentuadas por grandes e disformes quadris, voltados à procriação. Seu papel se resume na procriação.

A posição da mulher foi-se modificando

na esfera social através da história. Lipovetski descreve três tipos históricos de mulher:

1ª Mulher, até o século XVI: A diabólica. É uma mulher dotada de poderes maléficos, utilizava seus atributos físicos para enfeitiçar, para fazer o mal. Isso é ilustrado pela lenda da *vagina dentada*, criada por uma tribo norte americana que fala de uma jovem cujos parceiros sexuais morriam com o pênis amputado por uma piranha que habitava a sua vagina.

A mulher diabólica era, então, depreciada, desprezada e só desenvolvia atividades inferiores. Essa imagem perdurou até o século XVI.

2ª Mulher, entre os séculos XVII e XX: A deusa. A mulher agora adquire um status sublime, é adulada, enaltecida, colocada em um trono. É a época do Belo Sexo. Próxima à divindade, é louvada e tem o poder de elevar o homem, como diz Goethe: *o eterno feminino arrebatou-nos para o alto*. Embora esta mulher esteja em um lugar privilegiado em relação à anterior, ela não passa de uma criação do homem.

Em meados do século XX a mulher rebelou-se dessa *escravidão sexual* e passa a reivindicar direitos iguais, passando assim a conquistar um lugar social de maior liberdade. Pode-se vê-la como a liberada.

3ª Mulher, contemporânea: A indeterminada, *self-made-woman*. Tanto a primeira como a segunda mulher, guardam a condição de subordinação ao homem, inclusive a liberada, que tem o homem como referência.

A mulher atual se destaca pela introdução de uma novidade: o neofeminismo. Diferencia-se do velho feminismo pelo fato de que a mulher não visa mais igualdade de direitos em relação aos homens, pois isso as levaria a se tornar um deles. Ela não quer isso. A neofeminista não se prende a uma oposição ao homem, ela busca: realização profissional, independência econômica, e anseia por direitos ligados à sua natureza de mulher: maternidade, amamentação, criação dos filhos, carinho, afeto. Lipovetski afirma que a neofeminista

⁷ MILLER, J.A. *Bonjour sagesse*. In: *Barca!: poésie, politique, psychanalyse*. Paris, nº 4, 1995. p. 179.

⁸ LACAN, J. *O objeto da psicanálise*. Seminário XIII, inédito. Aula de 22-04-1966.



recusa tarefas domésticas, mas não as tarefas maternas: cuidar dos filhos, alimentá-los, banhá-los, educá-los, o neofeminismo visa recriar uma consciência positiva de si, combater a auto-depreciação, reconquistar a auto-confiança o amor próprio, a auto-estima, restabelecer um sentido positivo de sua identidade.⁹

Conclusão: a estrutura familiar nada mudou

Enquanto a mulher conquista posições de maior reconhecimento profissional, autonomia social e independência econômica, o homem perde a função de ‘chefe da casa’, como diz Lipovetsky:

Na medida em que o homem não é mais o ‘chefe da casa’ e a mulher dispõe dos rendimentos de seu trabalho, esta vê aumentar seu poder de decisão no casal.¹⁰

Entretanto, o que fica evidente é que essa evolução não produziu modificação estrutural nas posições entre os papéis masculinos e femininos – o homem prossegue constituindo família e se mantendo mais voltado ao trabalho enquanto que a mulher se insere em inúmeras outras funções, mas continua privilegiando o lar e, principalmente, a maternidade e os filhos.

As mudanças apontam: novos discursos e disposições sociais; esmorecimento das normas legais; substituição dos ideais pela ética do lucro; empobrecimento do Nome-do-Pai e valorização da mercadoria, o que implica em alteração da estrutura subjetiva ordenadora dos laços sociais.

O TRATAMENTO DA CRIANÇA

Seguindo Lacan em *Duas notas...*, o que orienta o tratamento é o sintoma, a sua localização é o primeiro passo. Como localizar o sintoma? Inicialmente o analista deve escutar aquele que lhe faz o pedido, os pais. Escutar os pais não significa fazer uma anamnese, tampouco tentar ver neles a culpa pelo ‘problema’ do filho. A escuta aos pais deve-se orientar pela localização, aí, da resposta da criança em sua relação com o desejo do Outro, mecanismo que esclarece a ordem do sintoma: da criança, na criança, da mãe ou do casal parental.

O que ela é para a sua mãe - esse ponto é crucial na psicanálise da criança. As entrevistas com a mãe, que devem ser várias, permitem ao analista elucidar esta questão. Retomando Lacan:

O Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.¹¹

Na condução do tratamento da criança, o analista deve oferecer ao sujeito uma possibilidade de se separar do significante materno, do lugar de alienação ao desejo do Outro para assumir o seu próprio desejo, responder de uma outra maneira, responder como sujeito e não como objeto.

A criança deve ser desalojada do lugar de objeto condensador de gozo do Outro para deixar vir um sujeito, para abrir o espaço necessário para fundar aí a sua própria fantasia.

⁹ LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher, permanência e revolução do feminino*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2007. p. 78.

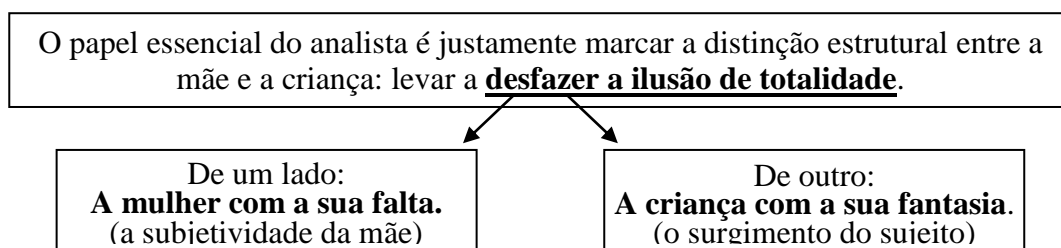
¹⁰ Ibidem. p. 247.

¹¹ LACAN, J. *O sujeito e o Outro (I): A ALIENAÇÃO*. In: *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Ed. Zahar, R.J. 1985. p. 193-194.

Cabe esperar da psicanálise com uma criança: o que a criança, de uma ou de outra maneira, assumiu, deu uma versão ao desejo da mãe. A pergunta que a criança formula para si mesma é: “o que minha mãe deseja? Para esta pergunta existe uma resposta, ainda que a criança a encontre pelo preço de uma neurose.”¹²

O processo de separação entre o sujeito e o Outro não se dá sem sofrimento, sem angústia. A mãe resiste sempre às ‘rebeldias’ do filho, e este se angustia ao sentir que ‘perdeu o amor da mãe’ por não corresponder mais às suas expectativas e por não ter o esperado reconhecimento do seu desejo.

A ocorrência de conflito entre a criança e a mãe resulta quase sempre da não correspondência da mãe às necessidades da criança e ou da inadequação da criança à demanda da mãe. Para Lacan, o papel do analista não é buscar a adaptação harmoniosa na relação mãe-criança.



Finalmente, a clínica psicanalítica da criança não se difere da do adulto, mas comporta especificidades que o analista não pode deixar de levar em conta, tais como:

- **Queixa:** é do outro – os pais, a família, o médico, a escola... A queixa do outro é sempre diferente do sintoma da criança;
- **Sintoma:** indica quem é, de fato, o paciente – às vezes é a criança; às vezes é a mãe; às vezes são as duas;
- **Estrutura:** não se deve confundir configuração familiar com estrutura psíquica;
- **Relação mãe-criança:** o privilégio deve ser na relação de amor, em detrimento da relação de objeto (relação objetal);
- **Orientação da escuta:** deve sempre se ancorar em um balizador teórico, p. ex: alienação-separação;
- **Motivos:** o motivo da mãe é sempre diferente do motivo da criança;
- **Enunciado:** o que o outro diz não pode ter valor maior do que o que a criança diz;
- **Saber:** o saber do outro é sempre colocado entre parênteses. A clínica da criança leva em conta o saber próprio dela;
- **Entrevista com a criança:** o analista deve ter em mente que a criança sempre sabe o que diz, e entende o que o analista diz;
- **Entrevista com a mãe:** abrir questão para a mãe, sem sugerir. Interrogá-la sobre o início do sintoma: começar a andar; controlar os esfíncteres; entrar para a escola. Estas são referências de separação – são conquistas que fundam a indepedência da criança. A localização do sintoma nesses momentos indica a insistência da criança em permanecer grudada à mãe, atendendo à demanda desta. Isto mostra a importância de se pesquisar a sexualidade feminina nas entrevistas com a mãe.

Sobre o final de análise com crianças, diz Laurent:

¹² Laurent, É. *Existe um final de análise para crianças*, in Opção Lacaniana nº 10 (1994), p. 30.



*Construir o fantasma consiste para a criança em garantir de entrada
que seu corpo não vai responder ao objeto a [...] que não seja o
objeto de gozo da mãe.*

*E isso como se faz? Nós, os psicanalistas, não somos parteiras e isso
não se faz por fórceps, separa-se com construções de ficção.¹³*

¹³ Laurent, É. *Existe um final de análise para crianças*, in *Opção Lacaniana* n° 10 (1994), p. 32.